



COLLOQUIUM

REVISTA MULTIDISCIPLINAR DE TEOLOGIA

ISSN: 2448-2722

## AS RELAÇÕES ENTRE AMOR E ALTERIDADE NA PRIMEIRA SEÇÃO DO LIVRO AS OBRAS DO AMOR DE KIERKEGAARD

### The Relations between Love and Alterity in the First Section of Kierkegaard's Works of Love

Leandro Henrique Lins Fernandes \*

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6588278779817449>

doi <https://doi.org/10.58882/clq.v7i2.152>

**RESUMO:** As Obras do Amor de Soren Kierkegaard trata de alteridade, amor para fora de si. O crístico ensina uma vida circular. O amor deve partir da interioridade de uma vida diante de Deus (coram Deo) para o agir diante dos homens. Apesar do crístico se desviar de uma vida voltada para a atenção do mundo exterior, o amor cristão é voltado ao exterior, ao outro. Neste sentido, este artigo tem como objetivo evidenciar as relações entre amor e alteridade em *As Obras do Amor de Kierkegaard* e sua relação com o Próximo (Næsten).

**Palavras-chave:** Amor; Alteridade; Próximo.

**ABSTRACT:** The Works of Love by Soren Kierkegaard deals with alterity, love outside oneself. The Christic teaches a circular life. Love must start from the interiority of a life before God (coram Deo) in order to act before men. Although the Christic deviates from a life focused on the attention of the outside world, Christian love is turned to the outside, toward the other. This article aims to highlight the relationship between love and alterity in Kierkegaard's *The Works of Love* and its relationship to the Neighbor (Næsten).

**Keywords:** Love; Alterity; Neighbor.

\* Professor de Filosofia Geral e Filosofia do Direito na Universidade São Francisco do Ceará (Crato-CE). Advogado (OAB-CE). Pastor. Especialista em Teologia Bíblica pela Faculdade Batista do Cariri e Direito Penal e Criminologia pela Universidade Regional do Cariri (URCA): [leandrolinsf@gmail.com](mailto:leandrolinsf@gmail.com).

## INTRODUÇÃO

*As obras do amor – Algumas considerações cristãs em formas de discursos*, publicadas em Copenhague, em 1847, é distribuída em duas séries, onde a primeira analisa o mandamento do amor ao próximo e a segunda o hino à caridade do apóstolo Paulo (BÍBLIA, 2000). O autor recorre à filosofia grega, especialmente comparando o amor cristão (ágape) ao amor apaixonado platônico (*eros/Eskov*) e a amizade aristotélica (*philia/Venskab*). Esta obra de Kierkegaard é central para entender a questão da alteridade em sua filosofia. Como afirma Álvaro Valls (*apud* KIERKEGAARD, 2013, p.13), nas Obras do amor “a dimensão da alteridade está presente a todo momento”.

Diante do quadro apontado, este artigo tem como objetivo evidenciar as relações entre amor e alteridade em *As Obras do Amor* de Kierkegaard e sua relação com o Próximo (*Næsten*). Como afirma Almeida (2011, p. 106), se “o amor é uma determinação da subjetividade, é possível afirmar que o fundamento da ética da alteridade é o [próprio] amor”. Diante do exposto, também será importante contrapor a noção kierkegaardiana de amor às noções de eros e filia atribuídas, respectivamente, a Platão e a Aristóteles, assim como explicitar o conceito de Próximo conforme analisado por Kierkegaard nas *Obras do Amor*.

Da hipótese enunciada, também procurar-se-á explicitar que a filosofia kierkegaardiana possibilita a discussão da alteridade mesmo que diante do estereótipo de solipsista e subjetivista aplicado ao autor dinamarquês. Fugindo da necessidade de se apoiar em outros autores para defender a ideia de que Kierkegaard defende um amor voltado para o outro<sup>1</sup>, a pesquisa fundamentará a noção de alteridade a partir do próprio Kierkegaard, tomando como referência especialmente a categoria do Próximo (*Næsten*) nas *Obras do amor*.

Dentro da relação com a alteridade, o artigo tratará sobre origem e os destinatários do amor, o amor como dever e sua relação com a Ética-segunda em comparação com a Ética-primeira em Kant e Hegel. Também fará as devidas

---

<sup>1</sup> Alguns autores tentam fundamentar esta ideia, por exemplo, em Immanuel Levinas. Entretanto, o artigo demonstrará que não é necessário respaldar a relação intrínseca entre amor e alteridade em Kierkegaard em outros autores.



relações entre amor e amizade, citando as formulações de Platão e Aristóteles sobre a temática, assim como falará como a alteridade só pode se manifestar de forma prática quando se ama como igualdade sem se importar com as diferenças. Esboçará que a lei de Cristo só pode ser cumprida quando o indivíduo se coloca a serviço do outro e, diferente do amor meramente humano, o amor divino só pode ser expresso verdadeiramente pela alteridade. Até porque no crístico existe uma dívida para com o amor e amar é fazer pelo outro. O amor dá tudo a todos. Para finalizar, o trabalho apresentará que uma vida de amor voltada para fora deve ser baseada no interno. A interioridade é o que fundamenta e sustenta as expressões externas do amor. Se o externo é passageiro, o interno traz ao amor permanência e estabilidade.

## **1 - A ORIGEM E OS DESTINATÁRIOS DO AMOR E SUA RELAÇÃO COM A ALTERIDADE**

Para Soren Kierkegaard, amar de verdade é aproximar o outro do amor, ou seja, alteridade. Acerta Valls quando estabelece que sobre *As Obras do Amor*, “Kierkegaard, interpretado tantas vezes como solipsista, afirma aqui explicitamente a alteridade, em sua categoria específica: o próximo (*Næsten*)” (*apud* KIERKEGAARD, 2013, p. 8). Neste sentido, o amor não deve mais se restringir ao amor de predileção, preferencial ou particular. Quem ama de verdade, ama o próximo, que é o humano-universal.

Para o autor dinamarquês, o amor mora no *ocultamento* e se funda no amor de Deus. O amor não pode ser visto em si, mas pode ser conhecido pelas suas obras ou frutos. A vida oculta do amor aponta sua invisibilidade/eternidade, enquanto suas obras se relacionam com o visível/passageiro ou terreno. Nesse passo, o amor é o que liga o eterno ao temporal. E a ligação do amor eterno ao temporal perpassa pelo exercício da alteridade.

Se o amor está no exercício da alteridade, a exigência do amor consiste em renunciar a si mesmo e amar o outro. Engana-se quem chama de amor o amor de si. Mas por quê? Porque o amor de si é pressuposto. Por isso mesmo deve se amar ao próximo como a si mesmo. Amar a si mesmo de maneira certa

e o amor ao próximo são equivalentes. Quem se ama na medida divina ama ao próximo como a si mesmo.

A ideia do mandamento do amor é um caminhar para fora de si; é arrancar o egoísmo da alma. No amor ligado à alteridade se conjuga a ideia de Próximo (*Næsten*) com a ideia de Reduplicação (*Fordoblelse*). Esta é a plena identidade com o próximo, o amá-lo como a si mesmo, o inimigo mortal de todo amor egoísta (CHEVALLIER, 2001). Amar ao próximo é amar *ao outro* ou todos os homens. Amar ao próximo é amar quem devo amar; a todos.

## 2 - AMAR COMO DEVER, ÉTICA SEGUNDA E SUA RELAÇÃO COM A ALTERIDADE

Não há segurança em um amor *eros*, que é sentimento, paixão (PLATÃO, 2001). “Só quando o amar é dever [...] está eternamente assegurado” (KIERKEGAARD, 2013, p. 49). Apesar do amor ao outro se direcionar ao humano-universal, ele não é amor ao coletivo. O coletivo é indiferente, generalista, abstrato. Amor ao humano universal é amar pessoas em si, individualmente. “A essência da fé consiste em ser um segredo, em ser para o indivíduo” (*for den Enkelte*) (KIERKEGAARD, 2013, p. 44).

Como afirma Macintyre, (2007, p. 43), “é fácil demais não observar a dívida positiva de Kierkegaard para com Kant”. De fato, o autor de *O Conceito de Angústia* concordaria facilmente com Kant quando ele afirma que “devemos amar, mesmo quando não somos impelidos a isso por uma inclinação. [...] O amor prático está situado na vontade e não no pendor da sensação” (KANT, 2009, p.125).

Todavia, enquanto o amor como dever kantiano é baseado na racionalidade, para Kierkegaard o amor ao outro como dever é um elemento essencialmente cristão. Se o amor como dever em Kant é fundamentado na razão humana, por isso temporal, o amor kierkegaardiano é uma *mudança da eternidade*. Ademais, “o dever de amar advoga a tese paulina do escândalo, motivo pelo qual o amor não pode ser alcançado plenamente pela razão” (DE PAULA, 2012, p.

177). E quando o amor se submeteu a esta mudança adquiriu continuidade, permanência.

A primeira ética racionalista kantiana é suspensa por Kierkegaard porque ela não pode supor qualquer outra instância de valor ético superior ao julgamento do intelecto (GOUVÊA, 2009, P. 139)<sup>2</sup>. A rejeição kierkegaardiana da primeira ética se dá porque ela tem apenas categorias antropológicas da imanência e não explica a culpabilidade individual. Nesse sentido, a Ética-segunda é aquela que faz um elo entre o humano e o divino, o indivíduo e o social, o social e a comunidade (ALMEIDA, 2009)<sup>3</sup>.

### 3 - AMOR, AMIZADE E SUA RELAÇÃO COM A ALTERIDADE

A reciprocidade é uma das marcas fundamentais da amizade no entendimento Aristotélico. De acordo com o filósofo grego, “para serem amigas, as pessoas devem conhecer uma a outra desejando-se reciprocamente o bem” (ARISTÓTELES, 2001, p. 164). Apesar de não reprimir o amor natural (*Elskov*) e a amizade, que são amores por predileção (*Forkjerlighed*), o amor cristão destrona estes amores e coloca no lugar deles o amor superior, o amor espiritual. Este amor se distancia do *falado* e *cantado* e se coloca no *realizado* em função do outro (*vai e faz o mesmo*), especialmente no ajudar o outro a ser cristão no sentido mais profundo. Isso quer dizer amar o outro sem predileção ou preferência, pois isto seria o amor poético e temporal.

Platão e Aristóteles representam o amor humano baseado na reciprocidade ou correspondência, enquanto Kierkegaard fundamenta sua ideia de amor no *ágape* cristão, “onde não há uma relação erótica [...], não há beleza no objeto amado” (VALLS, 2012, p. 80). “O amor cristão ensina a amar a todos,

---

<sup>2</sup> A Ética-segunda é encontrada pela primeira vez em O conceito de angústia, assinado pelo pseudônimo Vigilius Hafniensis. Nessa obra, Kierkegaard rejeita a chamada Primeira ética de inspiração hegeliana e insere a Ética-segunda, a qual tem como pressuposto a Dogmática (KIERKEGAARD, 2021)

<sup>3</sup> Seguindo André Clair em Une éthique de l’amour, Philippe Chevallier em La doctrine kierkegaardienne de l’amour e Adorno em seu estudo Kierkegaard: a construção da estética, As Obras do Amor é a própria materialização da Ética-segunda.

absolutamente todos” (KIERKEGAARD, 2013, p. 69). E essa é a explicação eterna do amor (*Kjerlighed*).

Nesse tipo de amor, existe uma tarefa ética: amar o próximo (*Næsten*), “fonte original de todas as tarefas” (KIERKEGAARD, 2013, p. 70). E é assim porque o crístico é o verdadeiro ético. Ele é o que está imediatamente na *tarefa*. E essa tarefa ética é *alteridade*, pois consiste em amar “o outro si, o outro eu – pois o próximo é o outro tu [...] o terceiro da igualdade” (KIERKEGAARD, 2013, p. 73).

#### **4 - AMAR COMO IGUALDADE SEM SE IMPORTAR COM AS DIFERENÇAS E SUA RELAÇÃO COM A ALTERIDADE**

Amar o próximo é de fato igualdade, sem predileção (*Forkjerlighed*) baseada em diferenças. “O caminho para a vida e para o eterno passa pela morte e pela abolição das diferenças” (KIERKEGAARD, 2013, p. 83). O poeta ama a solidão, o cristão ama o próximo. “O amor natural é definido pelo objeto, a amizade é definida pelo objeto, só o amor ao próximo é definido pelo amor” (KIERKEGAARD, 2013, p. 87).

Neste sentido, o amor cristão, baseado na igualdade, volta-se para fora, “abrangendo a todos e, contudo, amando a cada um em particular, mas a ninguém exclusivamente” (KIERKEGAARD, 2013, p. 88). Como assevera Roos (2007), quando se reconhece o dever implicado no conceito de amor cristão, aprende-se a ver o Próximo em toda e qualquer pessoa.

Ao amar a cada um, ama-se também o próprio inimigo. Uma vez que não há diferença no amor, ama-se em igualdade. “O amor ao próximo torna o homem cego” (KIERKEGAARD, 2013, p. 90). Por isso mesmo o cristianismo não quer suprimir a diversidade, para que se ame a todos e em toda condição. A busca pelo estabelecimento da igualdade nas condições da temporalidade entre os homens ocupa a *mundanidade*. É também uma impossibilidade. O Cristianismo deixa subsistir as diversidades para no mandamento do amor conter a equidade necessária. Ora,

amar o próximo significa essencialmente: permanecendo em sua diversidade terrena, como a que é indicada a cada um, querer estar aí de maneira igual para absolutamente qualquer pessoa. [...] aquele que ama o próximo está em paz. [...] contentando-se com a diversidade terrena que lhe foi indicada, seja esta a da riqueza ou a da pobreza (KIERKEGAARD, 2013, p. 106).

No essencial, o amor cristão estimula a se colocar igualmente à disposição de qualquer homem, sem se agarrar à diversidade terrena. De outra forma,

Quando desce a cortina sobre o palco, aquele que fazia o papel do rei e o que fazia o papel do mendigo [...] todos valem o mesmo” [...] Se verdadeiramente se deve amar o próximo, é preciso recordar a cada instante que a diferença é um disfarce (KIERKEGAARD, 2013, p. 109-111).

## 5 - AMOR COMO CUMPRIMENTO DA LEI E SUA RELAÇÃO COM A ALTERIDADE

Para além do dever de amar, o *amor é o pleno cumprimento da lei*. O curioso e ocioso afasta-se da prática da verdade e questiona para arranjar tempo e se justificar na sua inoperância. Mas o “cristianismo não se dirige a um conhecimento, mas a um agir, tem a propriedade característica de responder e com a resposta amarrar qualquer um à *tarefa*” (KIERKEGAARD, 2013, p. 119).

A ocupação mundana, a mundanidade, faz promessas. Uma promessa é uma demora no amor. “Na seriedade o amor é o pleno cumprimento da lei” (KIERKEGAARD, 2013, p. 121). Ama quem faz, não quem promete. O amor cristão é puro agir, e cada uma de suas ações é sagrada. O amor do Cristo, aquele que era amor, é pura ação. Seu amor era “todo ação”. Nele não havia instante, promessa. “O pleno cumprimento da lei constituía seu anseio, a única necessidade indispensável para a sua vida” (KIERKEGAARD, 2013, p. 123). Cristo era a própria plenitude da lei. Ele era a *explicação*, pois Ele era o amor e o amor é a soma dos mandamentos em ação.

Apesar do homem ver conflito ou exigência entre a lei e o amor, no Cristo não há. A lei é apenas uma parcela exteriorizada do amor. Quem ama de verdade cumpre a lei, porque a lei leva a amar. Somente a estupidez semeia

discórdia entre a lei e o amor. Somente o amor sem Deus, que é a *determinação intermediária*, vê discórdia entre a lei e o amor.

Mas “o juízo meramente humano sobre o amor não é verdadeiro juízo” (KIERKEGAARD, 2013, p. 131). O Cristianismo veio ao mundo e com ele a explicação divina do que seja amor, que é o relacionamento com as pessoas a partir do relacionamento com Deus. Na verdade,

Não se pode mundanamente e de maneira meramente humana subtrair nenhum amor e nenhuma expressão de amor à relação com Deus. [...] Cada indivíduo particular, antes de relacionar com a pessoa amada [...] tem de se relacionar com Deus. [...] O amor que não conduz a Deus [...] estaciona num julgamento meramente humano sobre o que seja amor (KIERKEGAARD, 2013, p. 136,137).

## 6 - DIFERENÇAS ENTRE O AMOR DIVINO E O AMOR MERAMENTE HUMANO E SUA RELAÇÃO COM A ALTERIDADE

O homem que opta pela fé, pela relação absoluta com o Absoluto, responde à ordem divina correndo o risco de entrar em ruptura com os outros homens e com a moral (LE BLANC, 2003). Existe um conflito entre o que o mundo e Deus entende por amor. Na explicação da mundanidade sobre o amor, tudo o que se refere a Deus é ilusão e atraso. Ensina-se aos homens a liberdade de se estar *sem Deus no mundo*, tenta-se destroná-lo. Isso acarreta uma vida de dúvidas e inconstâncias. Sem Deus, coloca-se as leis sobre o arbítrio dos homens, eles se tornam deuses para si mesmos. A verdade se torna histórica, momentânea, temporal, instável.

Contudo, para o crístico “amar a si mesmo de verdade consiste em amar a Deus; amar uma outra pessoa de verdade consiste em [...] ajudar a outra pessoa a amar a Deus ou ajudá-la em seu amor a Deus” (KIERKEGAARD, 2013, p. 139). A primeira existência do homem é sua existência em Deus, e por isso apenas Ele pode fazer as exigências da Lei. A lei começa em Deus e não nos indivíduos. A lei é eterna e não temporal. “Só há vigor e sentido e verdade e realidade na existência quando nós todos, cada um por si, [...], recebemos nossas ordens no mesmo lugar e então cada um por si obedece incondicionalmente a esta única e mesma ordem” (KIERKEGAARD, 2013, p. 142).

É importante que os homens não sejam enganados por representações indefinidas do que seja o amor. A única explicação suficiente para o amor vem de Deus. “Deus é quem depositou o amor no ser humano, e é Deus que deve determinar o que é amor em cada circunstância” (KIERKEGAARD, 2013, p. 150). O Indivíduo (*den Enkelte*), neste sentido, é aquele homem consciente das categorias existenciais e de seu dever diante de Deus e dos homens (TISSEAU *apud* SAINT-SAUVEUR, 1993).

O que o mundo chama de amor não é alteridade, mas amor de si mesmo. O que “o mundo honra e venera [*Elsker*] com o nome de amor [*Kjerlighed*] é solidariedade no amor-próprio” (KIERKEGAARD, 2013, p. 144), é um tipo de amor voltado para si e não para fora. Este amor é uma relação consigo mesmo e não com Deus. Tem no reconhecimento humano (e visível) a sua recompensa e não em Deus, a recompensa invisível. Por isso, assevera o autor de *Temor e Tremor*: “cuida que não se torne mais importante aparentares que os amas do que realmente os amares” (KIERKEGAARD, 2013, p. 155).

Entretanto, “Há homens que a rigor nada mais sabem sobre o amor senão que ele consiste em mimos e carinhos” (KIERKEGAARD, 2013, p. 150). Enquanto que “a concepção meramente humana do amor jamais poderá ir além da reciprocidade” (KIERKEGAARD, 2013, p. 146), a alteridade kierkegaardiana e cristã consiste em amar o próximo de forma sacrificial e abnegada, sem esperar recompensa. No amor meramente humano há apenas *duplicidade*: amante e amado. Já no amor cristão há *triplicidade* (*det Tredobbelte*): o amante, o amado, o amor; onde o amor é próprio Deus.

Por isso, amar uma outra pessoa é ajudá-la primariamente a não a amar o outro, mas a amar o amor, ou seja, Deus. Neste sentido, até mesmo o amor a si mesmo consiste, no fim, em amar a Deus. Isso porque quem ama a si de verdade ama primeiro o amor, e o amor é Deus.

## 7 - AMOR COMO INTERIORIDADE E SUA RELAÇÃO COM A ALTERIDADE

Como o amor é Deus, que está no interior do homem, o amor é também uma questão de consciência (*Bevidsthed*). “O amor só está definido como uma questão de consciência quando ou Deus ou o próximo constitui a determinação intermediária” (KIERKEGAARD, 2013, p. 169). Deus se insere no invisível, no íntimo, nas motivações, no interno, no consciente. O relacionar-se com Deus é ter consciência. O cristianismo tornou a relação humana uma questão de consciência, pois o cristianismo é interioridade.

O amor para o crístico pertence à interioridade oculta do homem, “à natureza incorruptível do espírito quieto” (KIERKEGAARD, 2013, p. 164). O engano mundano espreme “para que se busque no exterior uma expressão de que o amor, no sentido cristão, é amor espiritual – mas isto não se deixa expressar exteriormente, [...] pois isto é precisamente interioridade” (KIERKEGAARD, 2013, p. 173.) E por isso mesmo um amor igualitário, pois não se baseia no externo, nas qualidades extrínsecas do indivíduo.

“Em sentido cristão, há igualdade entre todos os seres humanos diante de Deus, e na doutrina sobre ao próximo há igualdade entre todos os seres humanos diante de Deus” (KIERKEGAARD, 2013, p. 167). Cada indivíduo é amado na sua individualidade consciente. Todo amor se torna uma questão de consciência e neste amor não pode haver engano, pois não se baseia no externo, na aparência, no dolo. Neste sentido, para o crístico, “amar com falsidade significa odiar. [...] O amor só brota de um coração puro e de uma fé sincera quando ele é uma questão de consciência” (KIERKEGAARD, 2013, p. 179,181).

Aquele que traz o amor consigo e procura um objeto para o seu amor facilmente o encontrará. Isso porque na alteridade kierkegaardiana não se ama por merecimento. Logo, não é necessário encontrar um próximo merecedor do amor para se amar. Ama-se o próximo, qualquer um, a todos. Ama-se a todos porque ama-se sem tentar *ver* o próximo em seus merecimentos e qualidades. “O amor é [...] o olhar fechado da indulgência e da bondade, que não vê as falhas e as imperfeições” (KIERKEGAARD, 2013, p. 190).

Isso é possível porque no crístico, aprioristicamente, ama-se o invisível (Deus). Ao conseguir amar o invisível, ama-se mais facilmente a todos os visíveis. Ao amar o invisível, eterno, imutável e permanente, ama-se o visível, transitório e mutável. Em suma, a tarefa básica consiste em: “achar dignos de amor os objetos uma vez dados ou escolhidos, e em poder continuar achando-os amáveis, por mais que eles se transformem” (KIERKEGAARD, 2013, p. 188). Como o amor é ilimitado, ele não se altera por mais que as pessoas mudem.

Dentro da noção de *alteridade* é necessário eliminar toda mania de criticar as pessoas pelas suas diferenças e amá-las como elas são. O acusador necessariamente se distancia do lugar do acusado. Distanciamento não é amor. O Cristo ama e se aproxima. Ele ama a Pedro em suas peculiaridades. As diferenças em Pedro provam o amor de Jesus por ele. O Cristo ama o Pedro que vê, em todas suas nuances particulares, isso porque a ênfase não deve ser posta no amar baseado nas “perfeições que a gente vê numa pessoa, mas a ênfase está na pessoa que a gente vê [...]”. Os homens falam sobre encontrar o perfeito para amá-lo, o Cristianismo fala de ser o perfeito, aquele que ama ilimitadamente a pessoa que vê” (KIERKEGAARD, 2013, p. 203).

## 8 - AMOR COMO DÍVIDA E SUA RELAÇÃO COM A ALTERIDADE

E com este amor estabelece uma dívida. O amor toma tudo e dá tudo. “O amante dá o que infinitamente é o máximo que um ser humano pode dar um outro, o seu amor, então ele se torna infinitamente devedor [...] o dar significa sempre um tornar-se devedor” (KIERKEGAARD, 2013, p. 207).

O amor cristão não demora em si mesmo, pois demorar é se tornar objeto para si mesmo. O amor divino é *imediatamente* voltado para outro (alteridade) ou para o *qualquer*. “O amor em todas as suas expressões se volta para fora, para os homens, onde afinal tem seu objeto e suas tarefas” (KIERKEGAARD, 2013, p. 220).

Este conceito de amor é fundamentado na abnegação cristã. Esta é a renúncia de todos os desejos que possam trazer apenas, ou primariamente, benefício próprio. No amor crístico, os desejos são voltados para o próximo, para o

seu bem. É uma noção desconhecida e desprezada pelo *mundanamente* terreno. É *escândalo*.

Mas “onde estiver o crístico, aí estará a possibilidade do escândalo” (KIERKEGAARD, 2013, p. 230) pois, para Kierkegaard, a verdadeira moral é aquela que zomba da moral (FARAGO, 2005)<sup>4</sup>.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As *Obras do Amor* de Soren Kierkegaard, trata de alteridade, amor para fora de si. O crístico ensina uma vida circular. O amor deve partir da interioridade de uma vida diante de Deus (*coram Deo*) para o agir externo diante dos homens. Apesar do crístico se desviar de uma vida voltada para a atenção do mundo exterior, o amor cristão é voltado ao exterior, ao outro.

Por mais que o cristão viva uma vida a partir da consciência, num olhar voltado pra Deus em todas as circunstâncias, ele expressa essa realidade interna no exercício do amor ao próximo (*kjerlighed*). O amor da vida cristã é um amor baseado na fé. Fé é a crença no invisível, porém, a crença no amor invisível e divino-celeste se reflete no amor visível ao humano e terreno. Nesse sentido, o combate da fé a ser enfrentado a cada dia.

Este artigo tratou das relações entre amor e alteridade na primeira série em *As Obras do Amor* de Kierkegaard. Relacionando-se com a alteridade, tratou-se sobre origem e os destinatários do amor, o amor como dever e sua relação com a Ética-segunda em comparação com a Ética-primeira de Kant e Hegel. Também foi feita as devidas relações entre amor e amizade citando as formulações de Platão e Aristóteles sobre a temática. Falou-se como a alteridade só pode se manifestar de forma prática quando se ama como igualdade sem se importar com as diferenças.

Também foi visto que a lei de Cristo só pode ser cumprida quando o indivíduo se coloca a serviço do outro. Diferente do amor meramente humana, o amor divino só pode ser expresso verdadeiramente pela alteridade. Até porque,

---

<sup>4</sup> Como diria Stewart (2003), para o autor de o Conceito de Angústia existe uma esfera superior àquela da moralidade (Sittlichkeit) hegeliana.

no crístico, existe uma dívida para com o amor e amar é fazer pelo outro. O amor dá tudo a todos.

Por fim, uma vida de amor voltada para fora deve ser baseada no interno. A interioridade é o que fundamenta e sustenta as expressões externas do amor. Deus se insere no invisível, no íntimo, nas motivações, no interno, no consciente. O relacionar-se com Deus é ter consciência. O cristianismo tornou a relação humana uma questão de consciência, pois o cristianismo é interioridade. Assim também amar ao outro de forma consciente é amar a partir do coração.

### REFERÊNCIAS:

ADORNO, Theodor W. **Kierkegaard**: Construção do estético. São Paulo: UNESP, 2010.

ALMEIDA, Jorge M. **Subjetividade e Assimetria ética**. In: Subjetividade, Filosofia e Cultura. São Paulo: Ed. Liberars, 2011.

\_\_\_\_\_. **Ética e existência em Kierkegaard e Levinas**. Vitória da Conquista: BA, Eduesb, 2009.

\_\_\_\_\_. O amor crístico como fundamento da ética da alteridade em kierkegaard. **Religare**. V. 7, n. 1, 2010, p. 33-42.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamentos. Versão revista e atualizada de João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

CHEVALLIER, Philippe. **La doctrine kierkegardienne de l'amour**. Revue des sciences philosophiques et théologiques. Tome 89, 2001, p. 87-112.

CLAIR, André. **Une éthique de l'amour**. Revue des sciences philosophiques et théologiques. Tome 86, 2002, p. 229-240.

DE PAULA, Márcio Gimenes. Kierkegaard e Kant: algumas aproximações entre a ética do amor e a ética do dever. **PHILÓSOPHOS**, Goiânia, v.17, n. 2, p. 159-180, jul./dez. 2012.

FARAGO, France. **Compreender Kierkegaard**. Petrópolis: Vozes, 2005.

GOUVÊA, Ricardo Quadros. **A Palavra e o silêncio**: Kierkegaard e a relação dialética entre fé e razão em Temor e tremor. São Paulo: Alfarrabio: Custom, 2009.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes**. São Paulo: Barcarolla e Discurso Editorial, 2009.

KIERKEGAARD, Søren. **As obras do amor**: Algumas considerações cristãs em forma de discursos. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

\_\_\_\_\_. **O conceito de angústia**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

\_\_\_\_\_. **Pós-escrito às Migalhas filosóficas**. Vol. 01. Petrópolis: Vozes, 2013.

\_\_\_\_\_. **Works of Love**. Princeton: Princeton University Press, 1995.

LE BLANC, Charles. **Kierkegaard**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

MACINTYRE, Aslaidair. **After virtue**: A study in moral theory Third edition. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2007.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates e Banquete**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

ROOS, Jonas. **Tornar-se cristão**: O paradoxo absoluto e a existência sob juízo e graça em Søren Kierkegaard. 2007. 247 p. Tese (Doutorado em Teologia). Escola Superior de Teologia (EST), São Leopoldo, RS.

SAINT-SAUVEUR, Lovinson. L'individu selon Kierkegaard. **Fac – Reflexion**. n. 23, 1993, p. 26-41.

STERN, Robert. **Understand moral obligation: Kant, Hegel e Kierkegaard**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

STEWART, Jon. **Kierkegaard's relations to Hegel reconsidered**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003

VALLS, Álvaro. **Kierkegaard: Cá entre nós**. São Paulo: LiberArs, 2012.